



**INSTITUTO
FEDERAL**

Alagoas

**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**LAURA MELISSA DE OLIVEIRA SANTOS GALVÃO
LUANA DA SILVA MARTINS**

PORONGA: UMA LUZ EM MEIO A RESISTÊNCIA NA FLORESTA AMAZÔNICA

**MACEIÓ, AL
2026**

LAURA MELISSA DE OLIVEIRA SANTOS GALVÃO
LUANA DA SILVA MARTINS

PORONGA: UMA LUZ EM MEIO A RESISTÊNCIA NA FLORESTA AMAZÔNICA

Artigo científico apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciadas em Letras-Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Willianice Soares Maia

MACEIÓ, AL
2026



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Instituto
Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte**

372.412

G182p

Galvão, Laura Melissa de Oliveira Santos.

Poronga [recurso eletrônico] : uma luz em meio a resistência na floresta amazônica / Laura Melissa de Oliveira Santos Galvão, Luana da Silva Martins. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 5,11 MB). – 2026.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profa. Dra. Willianice Soares Maia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2026.

1. Letras – Português. 2. Educação popular. 3. Chico Mendes. 4. Alfabetização. 5. Resistência socioambiental. 6. Letramento crítico. I. Martins, Luana da Silva. II. Título.

**Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831**

FOLHA DE APROVAÇÃO COM BANCA EXAMINADORA


LAURA MELISSA DE OLIVEIRA SANTOS GALVÃO
LUANA DA SILVA MARTINS

PORONGA: UMA LUZ EM MEIO A RESISTÊNCIA NA FLORESTA AMAZÔNICA

Artigo científico apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau licenciadas em Letras-Português.


Aprovadas em: 23/02/2026

Orientadora

Documento assinado digitalmente
 WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 24/02/2026 22:33:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Willianice Soares Maia

Avaliador (A)

Documento assinado digitalmente
 JOSE CARLOS LIMA DOS SANTOS
Data: 26/02/2026 11:26:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Carlos Lima dos Santos
Instituto Federal de Alagoas

Avaliador (B)

Documento assinado digitalmente
 FABIO GERALDO DE AVILA
Data: 26/02/2026 11:10:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Geraldo Ávila
Instituto Federal Sul de Minas Gerais

PORONGA: UMA LUZ EM MEIO A RESISTÊNCIA NA FLORESTA AMAZÔNICA
PORONGA: A LIGHT AMIDST RESISTANCE IN THE AMAZON RAINFOREST

Laura Melissa de Oliveira Santos Galvão¹
Luana da Silva Martins
Willianice Soares Maia

RESUMO

Este trabalho analisa o Projeto Poronga como uma experiência emblemática de educação popular na Amazônia brasileira, idealizado por Chico Mendes no contexto das lutas socioambientais dos seringueiros acreanos nas décadas de 1970 e 1980. Inserido em um cenário marcado por conflitos fundiários, avanço do latifúndio e intensificação do desmatamento, o projeto articulou alfabetização de jovens e adultos, consciência política e defesa do território. A pesquisa fundamenta-se em referenciais da pedagogia crítica, especialmente em Paulo Freire, nos estudos do letramento como prática social e na sociolinguística, evidenciando a valorização da oralidade e da identidade linguística dos sujeitos da floresta. O trabalho também propõe uma leitura analítica do Projeto Poronga à luz do método analítico de alfabetização, compreendendo a centralidade do significado social da palavra e das experiências concretas dos educandos no processo de aprendizagem. Conclui-se que o Poronga constitui um legado pedagógico e político, demonstrando que a educação, quando enraizada no território e comprometida com a justiça socioambiental, pode tornar-se instrumento de emancipação, resistência e transformação social.

Palavras-chave: educação popular; Chico Mendes; alfabetização; resistência socioambiental; letramento crítico

ABSTRACT

This study analyzes the Poronga Project as a significant experience of popular education in the Brazilian Amazon, conceived by Chico Mendes during the socio-environmental struggles of rubber tappers in the 1970s and 1980s. Developed in a context marked by land conflicts, the expansion of large estates, and accelerated deforestation, the project integrated youth and adult literacy, political awareness, and territorial defense. The research is grounded in critical pedagogy, particularly Paulo Freire's theoretical framework, as well as in literacy studies as a social practice and sociolinguistic perspectives that value orality and linguistic identity. Furthermore, the study proposes an analytical reading of the Poronga Project through the lens of the analytical literacy method, emphasizing the centrality of socially meaningful words and learners' lived experiences in the learning process. It concludes that the Poronga Project represents both a pedagogical and political legacy, demonstrating that education rooted in territory and committed to socio-environmental justice can function as an instrument of emancipation, resistance, and social transformation.

Keywords: popular education; Chico Mendes; literacy; socio-environmental resistance; critical literacy.

Data de Submissão: 22/12/2025. **Data de aprovação:** 02/02/2026.

¹Estudante de Licenciatura em Letras-Português pelo Instituto Federal de Alagoas. E-mail: lauramelissa052@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A educação, quando pensada para além dos muros da escola e vinculada à vida concreta dos sujeitos, pode tornar-se um instrumento de emancipação, resistência e transformação social. Nesse sentido, o Projeto Poronga, idealizado por Chico Mendes, constitui uma das experiências mais significativas de educação popular no contexto amazônico brasileiro, articulando alfabetização, consciência política e defesa do território.

A educação, enquanto prática social situada, assume diferentes sentidos conforme os contextos históricos, culturais e políticos nos quais se desenvolve. Em territórios marcados por desigualdades estruturais e conflitos socioambientais, como a Amazônia brasileira, os processos educativos ultrapassam a função escolar tradicional e tornam-se instrumentos de resistência, organização coletiva e afirmação identitária. Nesse cenário insere-se o Projeto Poronga, idealizado por Chico Mendes, como uma experiência emblemática de educação popular vinculada à luta dos seringueiros pela permanência na floresta.

O Projeto Poronga emerge no Acre, nas décadas de 1970 e 1980, em meio às disputas fundiárias, ao avanço do latifúndio e à intensificação do desmatamento. A alfabetização de jovens e adultos seringueiros, nesse contexto, não se restringiu à aprendizagem do código escrito, mas foi concebida como prática política, ambiental e cultural. Ler e escrever significavam, sobretudo, compreender contratos, reconhecer direitos, fortalecer a organização sindical e ampliar a consciência crítica sobre as relações de poder que atravessavam a vida nos seringais.

A criação do Projeto Poronga está diretamente relacionada ao contexto histórico da Amazônia acreana no final do século XX. A política de ocupação da região, incentivada pelo Estado brasileiro, promoveu a entrada de grandes proprietários rurais, provocando a expulsão de populações tradicionais e o acirramento de conflitos agrários. Os seringueiros, historicamente vinculados ao extrativismo da borracha, passaram a enfrentar ameaças constantes à sua forma de vida.

Criado no Acre, em meio às lutas dos seringueiros contra o avanço do latifúndio e do desmatamento predatório, o Projeto Poronga não se limitou à alfabetização funcional. Tratou-se de uma proposta educativa profundamente comprometida com a formação crítica dos trabalhadores da floresta, valorizando seus saberes, sua linguagem e sua relação histórica com a terra. Assim, a leitura e a escrita foram concebidas como práticas sociais indissociáveis da luta por direitos, pela preservação ambiental e pela dignidade humana.

O Projeto Poronga surge nas décadas de 1970 e 1980, período marcado por intensos conflitos agrários na Amazônia brasileira, especialmente no estado do Acre. A expansão da fronteira agrícola, incentivada por políticas governamentais, provocou o avanço de grandes fazendeiros sobre áreas tradicionalmente ocupadas por seringueiros, gerando expulsões, violência e destruição ambiental.

Nesse cenário, os seringueiros organizam-se politicamente por meio de sindicatos e estratégias de resistência coletiva, como os empates, ações pacíficas que buscavam impedir o desmatamento. A luta pela terra estava intrinsecamente ligada à luta pela permanência na floresta, compreendida não apenas como espaço econômico, mas como território cultural, simbólico e identitário. É nesse contexto que a educação passa a ser entendida como necessidade estratégica. Muitos seringueiros eram analfabetos ou tinham escolarização precária, o que os tornava vulneráveis a contratos abusivos, dívidas fraudulentas e manipulações políticas. O Projeto Poronga nasce, portanto, como resposta concreta a essa realidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Chico Mendes: o idealizador e sua concepção de educação

Chico Mendes foi líder sindical, ambientalista e educador popular no sentido mais profundo do termo. Sua trajetória revela uma compreensão ampliada de educação, alinhada à tradição da pedagogia crítica latino-americana. Para ele, alfabetizar não significava apenas ensinar códigos linguísticos, mas ensinar a ler o mundo, em consonância com o pensamento de Paulo Freire. A vivência de Chico Mendes como seringueiro possibilitou-lhe compreender que a educação precisava respeitar o tempo, o espaço e a cultura da floresta. A escola tradicional, urbana e descontextualizada, não atendia às necessidades das comunidades extrativistas. Daí a criação de um projeto educativo próprio, pensado a partir da realidade amazônica.

2.2 O significado simbólico da “poronga”

Figura 1: Látex sendo extraído.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Dra. willianice Soares Maia.

Figura 2: Extração de látex a partir da seringueira.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Dra. willianice Soares Maia.

Figura 3: Seringueiras no Acre.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Dra. Willianice Soares Maia.

2.3 Fundamentos teóricos

A palavra *poronga* designa a lamparina utilizada pelos seringueiros para iluminar os caminhos da floresta antes do amanhecer. A escolha do nome é profundamente simbólica. A *poronga* representa: luz em meio à escuridão, orientação no território, sobrevivência, conhecimento como ferramenta de vida. No plano educativo, a *poronga* simboliza a educação como luz crítica, capaz de iluminar as relações de poder, revelar injustiças e orientar caminhos de resistência. Trata-se de uma metáfora potente que sintetiza o espírito do projeto.

O Projeto *Poronga* pode ser fundamentado teoricamente a partir de diferentes campos: Paulo Freire: alfabetização como prática de liberdade, Educação do Campo: valorização dos sujeitos do território, Letramento como prática social (Street), Pedagogia crítica (Giroux), Educação ambiental crítica (Loureiro). Esses referenciais permitem compreender o projeto como uma experiência educativa contra-hegemônica, que rompe com modelos escolares excludentes. Nesse cenário, a organização coletiva tornou-se estratégia fundamental de sobrevivência. Os sindicatos dos trabalhadores rurais, os empates e as articulações políticas lideradas por Chico Mendes evidenciam que a luta pela terra estava intrinsecamente associada à defesa da floresta e à preservação dos modos de vida tradicionais. A educação, por sua vez,

aparece como dimensão estratégica desse processo, pois o analfabetismo e a escolarização precária dificultavam o acesso à informação, à leitura crítica de documentos e à participação política.

Chico Mendes compreendia a educação como prática libertadora, em consonância com a tradição da educação popular latino-americana. Embora não fosse educador formal, sua atuação revela forte aproximação com o pensamento de Paulo Freire, especialmente no que se refere à alfabetização como processo de conscientização. Freire (1987) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, indicando que o ato de alfabetizar deve partir da realidade concreta dos sujeitos. Essa concepção orientou o Projeto Poronga, no qual os conteúdos, as palavras e os temas trabalhados emergiam do cotidiano dos seringueiros. A educação, nesse sentido, não era neutra, mas explicitamente comprometida com a transformação social.

2.4 A simbologia da poronga

A escolha do nome *poronga* para o projeto possui forte carga simbólica. A poronga é a lamparina utilizada pelos seringueiros para iluminar os caminhos da floresta antes do amanhecer. Metaforicamente, representa a luz que orienta, protege e possibilita o trabalho em meio à escuridão. No campo educativo, a poronga simboliza o conhecimento como ferramenta de orientação e resistência. Assim como a lamparina guia o seringueiro na mata, a educação proposta pelo projeto buscava iluminar as relações sociais, políticas e econômicas que estruturavam a vida nos seringais.

A metodologia do Projeto Poronga fundamentava-se no diálogo e na valorização dos saberes dos educandos. As aulas aconteciam nos próprios seringais, geralmente à noite, respeitando o ritmo de trabalho dos participantes. Esse aspecto rompe com a lógica escolar tradicional e aproxima-se do que Freire (1987) denomina de educação problematizadora. Segundo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1987, p. 68). Essa citação expressa com clareza o princípio que orientava o Projeto Poronga: a educação como construção coletiva de conhecimento.

A alfabetização partia de palavras geradoras retiradas do universo vocabular dos seringueiros, como seringal, borracha, estrada, patrão, dívida e floresta. Essas palavras funcionavam como disparadoras de discussões sobre a realidade social e ambiental. Do ponto de vista dos estudos do letramento, essa prática aproxima-se da concepção de Street (2014), para quem o letramento é sempre socialmente situado e ideologicamente marcado. Ler e escrever, no Projeto Poronga, significava participar de práticas sociais específicas, relacionadas

à luta por direitos e à defesa do território. A oralidade ocupava papel central nas práticas pedagógicas do Projeto Poronga. Histórias de vida, narrativas da floresta e saberes tradicionais eram valorizados, reconhecendo a legitimidade da fala seringueira. Sob a perspectiva da sociolinguística, essa valorização rompe com a ideia de déficit linguístico e reconhece a variação como constitutiva da língua.

A articulação entre o Projeto Poronga, a sociolinguística e os estudos do letramento permite compreender a alfabetização como prática discursiva e identitária. A língua, nesse contexto, não é apenas instrumento de comunicação, mas espaço de disputa simbólica e política. Bortoni-Ricardo (2004) destaca que a escola precisa reconhecer as variedades linguísticas dos alunos, especialmente daqueles oriundos de grupos socialmente marginalizados. O Projeto Poronga antecipou esse debate ao legitimar a fala dos seringueiros como expressão válida de conhecimento.

2.5 Objetivos do Projeto Poronga

O Projeto Poronga possuía objetivos que ultrapassavam a alfabetização instrumental. Entre seus principais objetivos, destacavam-se: Alfabetizar jovens e adultos seringueiros de forma contextualizada; desenvolver consciência política e ambiental; fortalecer a identidade cultural amazônica; instrumentalizar os trabalhadores para a leitura crítica de contratos, leis e documentos; contribuir para a organização coletiva e sindical e articular educação, trabalho e defesa da floresta. A alfabetização era compreendida como prática social e política, voltada à autonomia dos sujeitos e à transformação de sua realidade.

3 METODOLOGIA

3.1 Metodologias de alfabetização no Projeto Poronga

3.2 Educação popular e inspiração freireana

As metodologias adotadas no Projeto Poronga dialogam diretamente com os princípios da educação popular, especialmente com a pedagogia de Paulo Freire. Destacam-se: o diálogo como eixo do processo educativo; a valorização dos saberes prévios dos educandos; a problematização da realidade; a rejeição da educação bancária. As aulas aconteciam nos próprios seringais, geralmente à noite, respeitando a rotina de trabalho dos participantes. O espaço educativo era flexível e comunitário, rompendo com a rigidez da sala de aula tradicional.

3.3 Palavras geradoras e letramento crítico

A alfabetização partia de palavras geradoras, retiradas do universo vocabular dos seringueiros, tais como: *seringal, borracha, estrada de seringa, patrão, dívida, floresta, empate*. Essas palavras não eram neutras: carregavam conflitos, memórias e relações de poder. Ao trabalhar essas palavras, os educandos não apenas aprendiam a ler e escrever, mas refletiam sobre sua própria condição social. Assim, o Projeto Poronga promovia um letramento crítico, no qual linguagem e consciência social caminham juntas.

3.4 Oralidade, memória e cultura

A oralidade ocupava lugar central no processo educativo. Histórias de vida, narrativas da floresta e saberes tradicionais eram incorporados às práticas pedagógicas, reconhecendo a cultura seringueira como legítima e produtora de conhecimento.

4 MÉTODO ANALÍTICO DE ALFABETIZAÇÃO

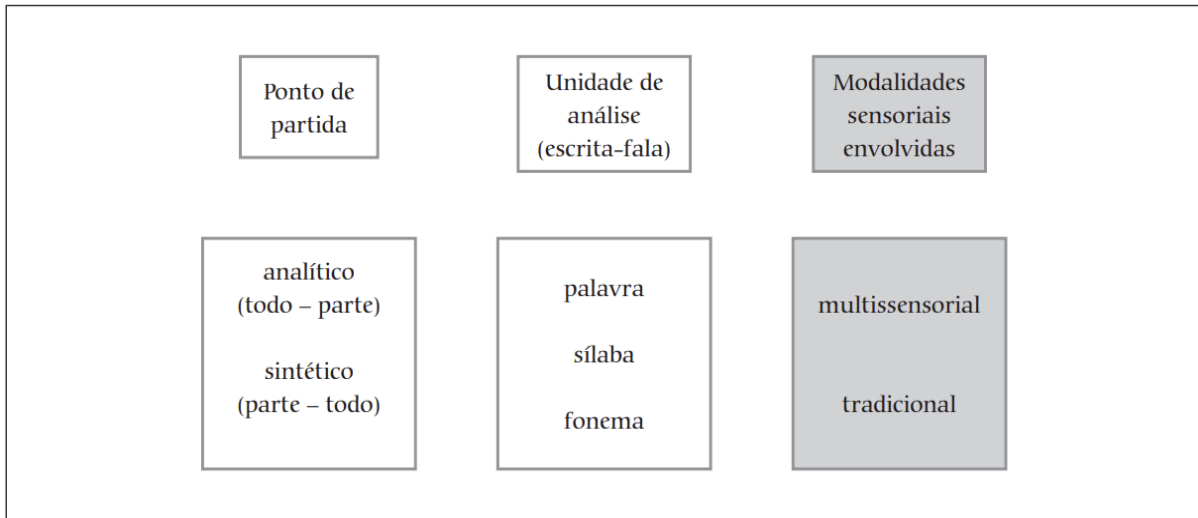
Do ponto de vista metodológico, a análise do Projeto Poronga permite uma aproximação com os pressupostos do método analítico de alfabetização, a partir de uma leitura teórica contemporânea. Ressalta-se que essa abordagem não foi explicitamente formulada ou sistematizada no período de desenvolvimento do projeto, tampouco nomeada nos termos hoje utilizados pela literatura educacional. Trata-se, portanto, de um exercício analítico posterior, que busca interpretar a experiência à luz de referenciais metodológicos atuais, sem atribuir ao projeto práticas que não foram, à época, intencionalmente estruturadas como método pedagógico formal.

O método analítico de alfabetização organiza o processo de ensino da leitura e da escrita a partir de unidades linguísticas socialmente significativas, como palavras, frases ou textos, tomando o sentido como ponto de partida da aprendizagem. Nessa abordagem, a compreensão precede a análise formal do código, de modo que a atenção às unidades menores — sílabas, letras ou fonemas — ocorre de forma posterior e subordinada à construção de significado. Em contraste com os métodos sintéticos, centrados na decomposição progressiva da língua, o método analítico privilegia a função social da linguagem e sua inserção em contextos reais de uso, enfatizando a relação entre leitura, experiência e produção de sentido (Sebra e Dias, 2011). A Figura 1 destaca os três aspectos fundamentais dos dois métodos de alfabetização (analítico e sintético). Além disso, Barros (2010, p. 38) define conceitualmente o termo como:

O método analítico é de abordagem audiovisual, concebendo a leitura como um ato global. Nesta ótica é que os seus adeptos trabalham a partir de

unidades completas de linguagem, dividindo-as depois em partes menores (Barros, 2010, p.38).

Figura 4: Três aspectos fundamentais dos métodos de alfabetização: ponto de partida, unidade de análise na relação entre escrita e fala e modalidades sensoriais envolvidas.



Fonte: Adaptada de Sebra e Dias (2011).

Do ponto de vista histórico, o método analítico consolidou-se no Brasil a partir do início do século XX, associado a concepções pedagógicas que compreendiam a aprendizagem como um processo global e intuitivo. Influenciado por correntes internacionais e por pressupostos da psicologia da Gestalt, esse método sustenta que a apreensão do todo antecede a análise das partes, atribuindo centralidade ao significado produzido pelo texto ou pela palavra em seu contexto de uso. Ao longo do tempo, essa abordagem assumiu diferentes desdobramentos, como a palavração, a sentencição e o trabalho com pequenos textos, nos quais o reconhecimento global orienta o acesso progressivo às estruturas da escrita. Ainda que tais formulações não estivessem sistematizadas nos termos atuais durante a implementação do Projeto Poronga, seus fundamentos permitem uma leitura analítica posterior da experiência, à luz da literatura educacional contemporânea (Sebra e Dias, 2011; Rangel, Souza e Silva, 2017).

Ao se considerar o Projeto Poronga sob esse viés, observa-se que sua proposta educativa estava ancorada em práticas de alfabetização profundamente vinculadas ao cotidiano dos seringueiros, aos seus modos de vida, ao trabalho extrativista e às lutas pela permanência na floresta. A aprendizagem da leitura e da escrita não se orientava pela memorização de unidades linguísticas abstratas, mas pela necessidade concreta de compreender contratos, leis, documentos e discursos que atravessavam as relações de poder nos seringais. Essa centralidade do significado social da palavra aproxima-se diretamente dos fundamentos do método analítico, tal como compreendido atualmente.

Na perspectiva de Paulo Freire (2000), os métodos de alfabetização devem ser capazes de codificar, como símbolos da língua, as situações mais significativas da vida coletiva dos sujeitos a quem se destinam. As palavras geradoras, nesse sentido, precisam contemplar os fonemas da língua portuguesa, bem como as principais dificuldades de pronúncia e de escrita. Para Freire (2000), o trabalho pedagógico deve partir de palavras vinculadas ao cotidiano dos educandos, por se tratarem de referências concretas e não abstratas, o que favorece uma compreensão mais coerente dos conteúdos estudados. Essa proposta articula dois níveis de universos: o vocabular e o temático, sendo o primeiro o núcleo gerador do processo de alfabetização e o segundo um suporte para a pós-alfabetização. Além disso, o autor defende que o método possibilite ao educando a construção de seu próprio material didático, com a mediação do professor, promovendo a autonomia e a descoberta no processo de aprendizagem.

Essa aproximação torna-se ainda mais consistente quando articulada ao pensamento de Paulo Freire, cuja concepção de alfabetização enfatiza a leitura crítica do mundo como condição para a leitura da palavra. Para Freire, o processo alfabetizador emerge da experiência concreta dos sujeitos, por meio da relação entre significante e significado, frequentemente mediada por palavras e imagens carregadas de sentido social. Essa compreensão dialoga com o método analítico ao reforçar que a linguagem escrita deve ser aprendida em contextos significativos, e não como um exercício mecânico de decodificação.

Para contribuir com a compreensão do conceito de alfabetização, tomam-se como referência as contribuições de Magda Soares (1998), que fundamenta a definição do tema.

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo –criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (Soares, 1998, p. 33).

Nesse contexto, Soares (1998) evidencia que a alfabetização constitui um processo amplo e fundamental, que extrapola os limites do espaço escolar. Nesse sentido, cabe aos professores alfabetizadores refletirem sobre essa dimensão, reconhecendo a relevância de assegurar o direito a uma alfabetização de qualidade. Crianças e adultos que não têm esse direito garantido de forma efetiva na etapa inicial da escolarização tendem a enfrentar implicações ao longo de toda a vida, uma vez que a alfabetização se configura como um alicerce essencial do percurso educativo dos sujeitos (Borges, Gomes e Carvalho, 2020).

Assim, se o Projeto Poronga fosse concebido no contexto atual, a incorporação explícita do método analítico poderia contribuir para a sistematização de princípios que já estavam

presentes em seus objetivos e práticas educativas. Tal abordagem permitiria aprofundar a articulação entre alfabetização, organização coletiva, consciência política e defesa da floresta, sem descaracterizar a experiência histórica do projeto. Trata-se, portanto, de reconhecer o potencial metodológico do Poronga à luz dos debates contemporâneos, evidenciando sua relevância para reflexões atuais sobre alfabetização, educação popular e justiça socioambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto tornou-se referência histórica e simbólica da pedagogia da floresta, mostrando que é possível construir práticas educativas enraizadas no território e comprometidas com a justiça social. O Projeto Poronga representa uma experiência singular de educação popular no Brasil, articulando alfabetização, consciência política e defesa ambiental. Idealizado por Chico Mendes, o projeto demonstra que a educação, quando comprometida com a vida concreta dos sujeitos, pode iluminar caminhos de resistência e esperança, tal como a poronga que guia o seringueiro na escuridão da mata.

Mais do que um projeto educativo, o Poronga constitui um legado pedagógico e político, cuja intenção permanece diante dos desafios contemporâneos da educação do campo, da justiça ambiental e dos direitos dos povos tradicionais. O Projeto Poronga representa uma experiência singular de educação popular no Brasil, articulando alfabetização, sociolinguística, letramento e luta socioambiental. Idealizado por Chico Mendes, o projeto demonstra que a educação, quando enraizada no território e na cultura dos sujeitos, pode iluminar caminhos de emancipação e justiça social. Ao dialogar com os estudos da linguagem, observa-se que a valorização da oralidade e da variação linguística foi elemento central para o sucesso do projeto, reforçando a necessidade de práticas educativas que reconheçam a diversidade linguística e cultural dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Mary Helena. **A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros**. Brasília: IEB; São Paulo: Annablume, 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

BARROS, Valente Vieira de. **Alfabetização na educação infantil: fundamentos teóricos e metodológicos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Valer, 1999.

BORGES, Simoni Pereira; GOMES, Antonio; CARVALHO, Edione Teixeira de. Refletindo sobre os métodos de alfabetização na construção do conhecimento. **Research, Society and Development**, *s. l.*, v. 9, n. 7, p. 1-30, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CASTRO, Edna. **Território, biodiversidade e saberes tradicionais**. Belém: NAEA/UFPA, 2002.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Sociolinguística interacional: linguagem, identidade e contexto social**. São Paulo: Contexto, 2006.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguagem, identidade e alteridade: perspectivas interacionais. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-68.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Formas de falar**. Tradução de Angela Maria de Souza Corrêa. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação ambiental crítica**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAIA, Willianice Soares. **As margens ruidosas do silêncio: linguagem, identidade e resistência em contextos de exclusão social**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

MENDES, Chico. **Chico Mendes por ele mesmo**. Rio de Janeiro: FASE, 1988.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Educação do campo**. Brasília: MDA, 2004.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emmily Cristina Firmino de; SILVA, Ana Carla de Azevedo. Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: processo sintético e processo analítico. **Revista Includere**, *s. l.*, v. 3, n. 1, p. 497-504, 2017.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, *s. l.*, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, Brian Vincent. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**. Tradução de Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Editora Nacional, 1977.